

# EUA: agora, mais esperança no nosso futuro.

Os meios financeiros dos Estados Unidos reagiram favoravelmente às medidas de contenção salarial e antinflacionárias anunciadas pelo governo brasileiro anteontem à noite.

Ao depor perante a Comissão Bancária do Senado, ontem, durante o processo de sua confirmação como "chairman" da Reserva Federal (banco central) dos Estados Unidos, Paul Volcker afirmou estar "agora esperançoso quanto ao futuro do País".

"O Brasil ontem (anteontem) tomou decisões importantíssimas. Adotou medidas altamente necessárias, disse Volcker, ao responder à pergunta de um senador democrata. Disse ainda estar bastante otimista quanto à situação da dívida externa do País e que os brasileiros estão fazendo frente a problemas muito difíceis.

Segundo algumas fontes, as providências anunciadas pelo governo ainda causaram boa impressão no Banco Mundial e no FMI. Entretanto, as fontes bancárias não souberam dizer se as medidas prenunciaram o fim das difíceis negociações com o Fundo Monetário e que efeito terão sobre o problema do pagamento de uma prestação de 400 milhões de dólares, ao Banco de Pagamentos Internacionais (BIS), cujo presidente anunciou há poucos dias não ter intenção de dilatar o prazo concedido ao Brasil. O prazo vence hoje.

O vice-presidente de um importante banco americano comentou que as providências anunciadas na área salarial são cruciais para um entendimento com o FMI, mas mais ainda para que o País consiga atingir suas metas de ajustamento. "É uma evolução encorajadora e mais do que esperava que fariam", afirmou.

Entretanto, num exame inicial, julgou curiosa a decisão de tabelar os juros num momento em que a inflação está crescendo. "Provavelmente o governo pretende controlar mais eficazmente o volume de crédito, então", afirmou.

William Cline, do Instituto de Economia Internacional de Washington, saudou com entusiasmo as decisões do governo Figueiredo. Cline, que há muitos anos acompanha de perto a economia brasileira, disse que "o processo de indexação tende a perpetuar a inflação em patamares sempre mais altos". Para ele, o expurgo do INPC significa que o governo está disposto finalmente a resolver esse problema.

"As medidas devem ter impressionado bem o FMI e devem reduzir as diferenças remanescentes, facilitando sua solução", afirmou.

Cline admitiu estar preocupado com as conseqüências políticas e sociais do corte salarial. "Mas espero que as lideranças operárias e oposicionistas concluam, depois de um exame cuidadoso dos fatos, que as medidas são sensatas e que o País não tem alternativas", afirmou.

Cline deverá expor seus pontos de vista durante o encontro que terá hoje com 24 parlamentares brasileiros, na grande maioria de oposição, que visitam Washington. Os parlamentares vieram basicamente manifestar seu desacordo com a política dos Estados Unidos na América Central, e hoje de manhã também estarão no Departamento de Estado para ouvir a versão americana dos conflitos na região.

Diante da crítica expressa por um funcionário de uma organização internacional, segundo a qual o governo só cometeu um erro, que foi reduzir a correção das prestações da casa própria, o que talvez o obrigue a reduzir também a remuneração da caderneta de poupança, Cline observou que isso era necessário. Se não fosse feito, a inadimplência aumentaria e o Sistema Financeiro de



Volcker, ontem, no Congresso dos EUA.

Habitação seria prejudicado de qualquer maneira.

Impor tetos aos juros também desencoraja a poupança, disse Cline. O que é preciso ver é até que ponto as medidas nessa área são mais políticas do que econômicas, afirmou. "Há um ponto de vista tradicional, segundo o qual os custos do capital no Brasil contribuem para a inflação. Eles estão tentando reduzir o aumento inflacionário do custo do capital de giro. Isso, é verdade, tende a gerar escassez de dinheiro."

Mas, no geral, Cline julga que o governo mostrou disposição de enfrentar riscos políticos. "É uma decisão corajosa", afirmou.

Quanto à questão do BIS, cuja prestação o Brasil deveria pagar hoje, há várias alternativas, segundo as fontes da comunidade financeira. Uma das mais prováveis, dizem, é que o prazo passará sem que o Brasil pague os 400 milhões de dólares e o BIS se limite, no máximo, a cobrar juros de mora. Se o BIS quiser, poderá pedir o dinheiro dos garantidores, que são os bancos centrais seus acionistas, na maioria europeus. Os Estados Unidos comprometeram-se, através do Fundo de Estabilização Cambial, a pagar 500 milhões de dólares ao BIS, do total de US\$ 1,45 bilhão do empréstimo, caso o Brasil não possa honrar seu compromisso. Mas a garantia da prestação seria dividida entre os bancos centrais. Neste caso, pouca coisa mudaria, pois em vez de dever ao BIS, o Brasil deveria a seus acionistas. Há também a possibilidade de que o BIS resolva estender o prazo, tendo em vista o anunciado progresso nas negociações do País com o FMI. Se o acordo com a missão for concluído logo, o Brasil poderá receber o desembolso da segunda parcela do empréstimo do Fundo em meados de agosto e aí usar esse dinheiro para pagar a instituição com sede na Basileia.

Fontes do governo também desmentiram categoricamente que o presidente Figueiredo houvesse conversado pelo telefone anteontem à noite com o secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Donald Regan, como teria informado um parlamentar republicano a uma emissora de televisão do Brasil. A mesma fonte adiantou ainda que, até as 18 horas de ontem, o Brasil não havia solicitado um novo empréstimo do Tesouro.

C.A.M. Pimenta Neves,  
de Washington.

## Volcker: posso não ficar quatro anos.

O presidente da Junta de Reserva Federal (o Banco Central norte-americano), Paul Volcker, admitiu ontem que poderá não ficar mais quatro anos à frente da instituição, cujas últimas decisões a respeito das taxas de juros classificou de "não terrivelmente dramáticas".

Volcker compareceu ontem à audiência da Comissão de Assuntos Bancários do Congresso norte-americano para ser confirmado para o cargo, para o qual foi novamente nomeado pelo presidente Ronald Reagan.

Interrogado pelo senador democrata William Proxmire, Volcker disse não achar

necessário que "me comprometa com o senhor que vou ficar aqui quatro anos".

— Entendo também que, ao assumir o cargo, me comprometi a ficar durante um período de tempo substancial, mas não quis absolutamente prometer que ficaria todos os quatro anos.

Volcker disse ainda que, em sua opinião, um bom momento para mudar a direção da Reserva Federal seria um ano após a próxima eleição presidencial.

O presidente da Comissão, o senador republicano Jake Garn, disse que a votação sobre a nomeação de Volcker para um novo

mandato somente será realizada depois que ele prestar um segundo depoimento ao Congresso e entregar seu relatório mais pormenorizado sobre a política da Reserva Federal.

Por outro lado, o presidente Reagan tentou ontem persuadir os representantes republicanos dissidentes a apoiar o aumento da contribuição norte-americana, no montante de US\$ 8,5 bilhões, ao Fundo Monetário Internacional. Segundo se informou, Reagan lhes disse que o veto à medida, já aprovada pelo Senado, prejudicaria a recuperação econômica mundial.